

RESENHA



Hauy, Amini Boainain. **Gramática da língua portuguesa padrão**: com comentários e exemplários, redigida conforme o Novo Acordo Ortográfico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, 1344 pp.

Não seria uma afirmação falsa nem de pouca argumentação, dizermos que no último decênio temos presenciado uma grande quantidade de (re)publicações de livros denominados *gramática*. Um levantamento rápido da quantidade de (re)edições dessas obras e corroboraríamos o fato de estarmos vivenciando uma *gramatização massiva*¹.

Segundo Aurox, dois instrumentos linguísticos são fundamentais para que conheçamos a ideia linguística de um povo: o dicionário e a gramática. Esses instrumentos revelam o pensamento linguístico de seus autores e a preocupação deles quanto ao que consideram fundamental acerca de um idioma.

No caso da gramática, Aurox afirma que esse instrumento linguístico “torna-se simultaneamente uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las” (op. cit.: p. 43) e que um livro com essa denominação apresenta uma estrutura recorrente e por isso é considerada como tal. A saber: um sumário, uma introdução, uma divisão e uma referência a outros autores. Diz também que essas gramáticas têm função consultiva ou de prática de ensino da estrutura da língua

Destarte, a obra gramatical, vencedora do prêmio Jabuti 2015, publicada no ano de 2014, pela EDUSP (editora da Universidade de São Paulo) e parte

¹ *Gramatização massiva*: expressão utilizada por Sylvian Aurox em seu livro *Revolução Tecnológica da Gramatização*. Diz respeito à quantidade de gramáticas publicadas.

integrante da coleção Didática², da autora Amini Boainain Haüy³, denominada Gramática da Língua Portuguesa Padrão⁴, é um instrumento linguístico importante para todos aqueles que buscam uma consulta rápida a fim de dirimir alguma dúvida pontual ou para aqueles que se debruçam nos estudos da língua.

A obra é um portentoso livro a respeito dos aspectos normativos⁵ da língua. Poderíamos até usar a expressão “parece uma Bíblia”, afinal há 1343 páginas, 28 capítulos (divididos em mais de 300 subcapítulos) e uma quantidade abastada de exemplos e notas de rodapé; além de bibliografia farta e anexos (formulário ortográfico, nomenclatura gramatical brasileira, acordo ortográfico da língua portuguesa). Trata-se de uma obra vultosa, fruto da tese de doutorado da autora cuja defesa ocorreu no ano de 1983, na FFLCH-USP.

A introdução deixa clara a ideia de que a pesquisa realizada pela eminente professora Amini indicou que faltava um estudo mais específico e de cunho científico acerca da visão normativa da língua⁶.

Para tanto, a autora centrou seus esforços científicos na tentativa de “sistematização da tradicional teoria gramatical do português acadêmico, objetivando uma reflexão crítica sobre o estado atual da língua portuguesa no que ela tem de sistemático, de gramatical, e, sobretudo, sobre a importância da norma padrão no livro didático, em sua função sociocultural” (p. 33).

² A coleção DIDÁTICA, “... torna acessível a professores e alunos a experiência científica e didática adquirida, ao longo dos anos, por docentes da USP de diferentes áreas. Pretende assim contribuir para a melhoria e renovação do ensino, superando as limitações comuns dos livros didáticos”. A coleção é composta das seguintes obras: A Biologia e o homem; Geografia do Brasil; História do Brasil; Literatura Brasileira; Gramática da Língua Portuguesa Padrão. Informação retirada do site: www.edusp.com.br

³ AminiBoainainHaüy, pesquisadora e autora de obras didáticas de língua portuguesa, é pós-graduada, mestra e doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, onde defendeu a tese *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa* para fins didáticos, cuja repercussão atingiu o âmbito do Congresso. Foi professora de Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, titular de Língua Portuguesa na Academia da Força Aérea (AFA), catedrática de Português no magistério estadual e professora titular de Língua Portuguesa no Centro Universitário Moura Lacerda e no Centro Universitário Barão de Mauá. É membro da Academia Ribeirão Pretana de Letras e patrona da Academia Ribeirão-Pretana de Educação.

⁴ A partir de agora, a obra será representada pela sigla: **GLPP**.

⁵ Segundo a autora, a *normatividade* deve ser entendida como “principal fator de unificação linguística e explicitada pela gramática normativa (...) deve ser adotada sobretudo nos códigos escritos, nos documentos oficiais, na linguagem científica, artística e jornalística, enfim, nos mais diversos meios culturais da sociedade” (p. 60)

⁶ Tanto que a repercussão atingiu o âmbito do Congresso.

Claro que leitores mais argutos poderiam discordar da autora quanto a sua predileção pela obra do poeta Fernando Pessoa para o *corpus* literário exemplar, mas, antevendo isso, a autora diz que a obra poética do poeta é a evidente entre os textos literários de várias épocas, e não a exclusiva. A verdade dessa ressalva é realmente evidente nas 1343 páginas, pois os exemplários utilizados mostram o ecletismo literário. Vale lembrar que não é exclusividade da GLPP a utilização de exemplário literário. Várias são as gramáticas (antigas e contemporâneas) que utilizam tal recurso.

Ainda na introdução, Amini B. Hauy reforça que a GLPP surgiu da necessidade de se revisar criticamente as lições gramaticais existentes, porém que não fez de sua grande obra uma “*imposição de normas da língua culta às mais variadas camadas lingüísticas, como um camisa de força; nada tem a ver também com a incontestável importância das variações regionais, da Sociolinguística e dos níveis da fala, como muitos podem inadvertidamente interpretar*” (p. 37). Assim, uma vez anunciado que a GLLP é uma obra *descritiva, crítica e normativa*, veremos, claramente, a tradição gramatical se reiterando e se ampliando cientificamente⁷. A estrutura da obra segue a antiga tríade gramatical, apresentando, pois, a seguinte partição, já consagrada pela tradição dos estudos gramaticais: Fonética – Morfologia – Sintaxe.

Relevante notar que as duas primeiras partes (Fonética/Morfologia) formam o “grosso” da obra: aproximadamente 1000 páginas, restando para a relação/função das palavras no enunciado, ou seja, para a Sintaxe: aproximadamente 250 páginas, o que nos faz lembrar a explicação de Cavaliere (2000: 53-4)⁸:

A lexeologia é, certamente, no projeto de descrição gramatical, (...) o núcleo unitário de onde reverberam todos os campos de investigação lingüística. Isso porque é efetivamente a PALAVRA que sintetiza o foco das atenções, seja como elemento monolítico isolado, seja enquanto conjunto de segmentos morfológicos.

⁷ . Para a autora, a “libertinagem de cátedra” (p. 37) causa danos para o ensino da língua e a prova está no estudo feito por ela no momento de produção da GLLP, já que “a partir de um estudo crítico-comparativo das gramáticas normativas mais conhecidas no País, em número superior a cinquenta, adotadas nas escolas, cursinhos e faculdades e relacionadas nas bibliografias de concursos, provou que a teoria gramatical do Português, descrição ordenada, uniforme e coerente dos fatos da língua, que deveria ser, revelava-se como um amontoado de lições divergentes e contraditórias e que, na avaliação de conhecimentos gramaticais em provas, curso ou concursos de qualquer espécie, as divergências e contradições dos autores de gramáticas normativas implicavam quase sempre uma correção inevitavelmente arbitrária e injusta” (p. 36)

⁸ . CAVALIERE, R. *Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2000.

1. A obra

Extensa e portentosa, a GLLP, já redigida conforme o novo Acordo Ortográfico, depois de seu prefácio e de sua introdução, apresenta a seguinte partição: I – Origem e formação da língua portuguesa; II – Língua escrita e língua falada; III – Gramática: conceito e divisão; IV – Fonética; V – Morfologia; VI – Sintaxe; VII – Bibliografia; VIII – Anexos. A divisão realizada pela autora indica filiação não apenas à tradição gramatical como faz jus à NGB⁹. Obviamente, ponto positivo para a obra escrita por Amini B. Hauy, já que, ao se intitular gramática padrão e utilizar documentos oficiais como fonte de corroboração para a normatividade¹⁰ da língua, a NGB passa a atuar como validadora da decisão da autora no que diz respeito “à elaboração de uma gramática-padrão para *fins didáticos*, alicerçada na coerência e uniformização dos conceitos e numa atitude científica de análise” (p. 37).

2. Conceituando Gramática

Na conceituação de gramática, veremos *ad amussim*, a filiação da autora à visão de gramática como *sistematização dos fatos da língua*¹¹, visão que se assemelha a autores como Júlio Ribeiro e Napoleão Mendes de Almeida, por exemplo. Contudo, vale lembrar que a autora apresentava, como tese de seu trabalho, o argumento de que, aos estudos gramaticais, faltava uma obra que pudesse revisar criticamente lições gramaticais anteriores. Nesse quesito, a definição de gramática, mais do que reformulada, indica “a uniformização dos conceitos numa atitude científica de análise” (p. 37), o que é um outro ponto positivo da obra, já que notamos a uniformização de conceitos numa atitude científica de análise.

3. A Tríade Gramatical

Adentrando na famosa tríade gramatical – Fonética, Morfologia e Sintaxe –, encontraremos no extenso capítulo¹²Fonética os estudos vinculados àquilo

⁹ Já que a Nomenclatura Gramatical apresenta a divisão dos assuntos gramaticais em Fonética, Morfologia e Sintaxe; lembrando que a **GLLP** dialoga constantemente com o documento gramatical oficial.

¹⁰ Vide nota de rodapé nº 6.

¹¹ Definição muito próxima à de J. Roca Pons – *Introducción a La Gramática*.

¹² O capítulo apresenta, aproximadamente, 400 páginas de estudos ligados aos aspectos sonoros da fala em seus contornos acústicos ou articulatórios.

que é tradicional na disciplina, considerando a palavra sob o aspecto sonoro, estudando, pois, os fonemas ou sons que a formam (produção, classificação e agrupamento), a pronúncia (ortoépia ou ortoepia) e a acentuação (prosódia). Não teremos, todavia, nas muitas páginas dedicadas à Fonética, o estudo da Fonologia, o que poderia ser relevante, já que, hodiernamente, há uma rica e vasta bibliografia para essa disciplina. Porém, na GLLP, a autora se defende de possíveis críticas, pela ausência da Fonologia, ao nos alertar:

Alguns estudiosos preferiram agrupar essas duas disciplinas, a Fonética e a Fonologia, sob a denominação tradicional de Fonética, certamente por entenderem que as duas ciências são gêneros de estudos interdependentes. Esse foi o comportamento adotado pela equipe que elaborou a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), e nele será pautado o capítulo seguinte” (p. 79).

De qualquer modo, o capítulo Fonética exige fôlego do leitor, caso a leitura seja feita em sua completude. Para dúvida pontual, os assuntos são muito bem pormenorizados e a leitura é fluida e didática, mesmo para leitores leigos, o que indica maestria na composição de seu texto. Mesmo em assuntos mais árduos ou de base mais histórica (por exemplo, sobre a história da ortografia portuguesa, páginas 183/191), a construção textual é sólida teoricamente (o que se ratifica pelas notas de rodapé explicativas e bibliográficas) e didática textualmente, caso por exemplo da divisão feita para a explicação da história da ortografia: Período Fonético; Período das Reformas Acadêmicas; Período Pseudoetimológico.

Em suma, um capítulo robusto para a parte mais mecânica dos estudos linguísticos/gramaticais. Destaque para o esmero da autora nas listas e nos comentários a respeito dos assuntos que envolvem o conceito e objeto de estudo da ortografia, a saber: grafia dos nomes, alterações gráficas, homônimos, parônimos, topônimos, reduções gráficas, sinais diacríticos e de pontuação.

Outro destaque é o bem elaborado exemplário a respeito da sistemática das abreviações, principalmente o das “Abreviaturas Autorais e Bibliográficas” (pp. 330 – 355), que muito ajuda quem tem o ofício de revisor. Entretanto, é estranho encontrar o assunto SIGLAS (processo de formação de palavras estudado na Morfologia) como um tópico vinculado à ortografia. Mas é o que acontece na GLLP. São 16 páginas bem explicadas, de teoria sólida e bem construídas (principalmente a lista que compõe o exemplário, pp. 359 – 372) que tratam do assunto de maneira morfológica. Em vários momentos do texto, as explicações exploram a metalinguagem típica da morfologia para os processos de formação de palavras:

Das siglas formam-se, às vezes, pelo processo de derivação, substantivos comuns e adjetivos. Assim, udenismo, pessedista e petista (de UDN, PSD e PT, respectivamente). Pelo processo de justaposição, delas se formam, também, os siglônimos, formações lexicais resultantes da justaposição dos nomes das letras iniciais de determinada sigla; ex.: becegê (subst. comum) (de BCG)” (p. 356).

Tanto é estranho o assunto siglas na Fonética (subcapítulo da Ortografia) que, na página 503, nota de rodapé, há um alerta para o leitor com os seguintes dizeres “Vide “Reduções gráficas” no Capítulo Ortografia”, apesar de encontrarmos, literalmente, a afirmação, no capítulo dedicado à morfologia, “Além da derivação e da composição, outros processos de formação de palavras contribuem para o enriquecimento do vocabulário: o hibridismo, a onomatopeia e as reduções gráficas (abreviações, abreviaturas, siglas e símbolos)” (p. 503). Poderia, também, ter mencionado outros processos de formação de palavras como a Reduplicação/Redobro, a Amálgama, já bem estudados e explorados por estudiosos de renome¹³.

4. Morfologia

Mais extenso que o capítulo anterior, as quase 700 páginas perpassam a estrutura e a formação das palavras e englobam as tradicionais classes gramaticais. Observação para algo bem diferente de outras gramáticas contemporâneas: o fato de o tópico *crase*¹⁴ aparecer entre as classes gramaticais, especificamente, após a classe das preposições; observação outra diz respeito a uma subcategoria denominada “Palavras e locuções denotativas” (pp. 989 – 996), aparecendo logo após a classe dos advérbios. Frise-se que a autora faz questão de deixar às claras que as palavras/locuções denotativas não devem ser confundidas com

¹³ Antônio José Sandmann. *Morfologia Geral*, 1993.

Cláudio Cezar Henriques. *Morfologia*, 2007.

Ieda Maria Alves. *Neologismo*, 1994.

Graça Maria Rio-Torto. *Morfologia Derivacional: teoria e aplicação*, 1998.

José Carlos de Azeredo. *Fundamentos da Gramática do Português*, 2000

José Lemos Monteiro. *Morfologia Portuguesa*, 2000

Margarida Basílio. *Teoria lexical*, 2000

Valter Kehdi. *Formação de palavras em português*, 2003

¹⁴ Vale dizer que, na **GLLP**, o tópico *Crise* não constitui uma classe gramatical; o aparecimento entre as classes, na sequência da preposição, provavelmente se deve ao fato de a *crise* relacionar preposição em uma de suas estruturas constitucionais. Por exemplo: *Foi à praia logo cedo* (a – preposição regida pelo verbo; a – artigo feminino constituinte do sintagma nominal “a praia”).

advérbios. Nada novo, já que tal procedimento já estava estabelecido pela NGB (o que se torna outro ponto positivo para a autora, pois ao longo de sua obra, a NGB é um parâmetro). Entretanto, muitos leitores podem considerar que o que a autora chama de palavras e locuções denotativas, não deixa de ser advérbio, afinal muitos de seus exemplos dão margem a tal questionamento (p. 991):

- de afirmação: sim, certamente, com efeito
- de negação: não, qual nada!
- de exclusão ou limitação: só, apenas, exclusive, somente, unicamente
- de inclusão: também, mesmo, outrossim, inclusive

No geral, o estudo das classes é de grande valia, pois esclarece e elucida muitas questões. Destaque, sempre, para as listas existentes, os exemplários e os comentários que subjazem todas as classes, revelando muito esmero da autora em relação ao leitor de sua GLLP. Destaque, também, para o assunto sinclitismo pronominal (subtópico da classe Pronome), em que a autora esmiúça o assunto se baseando em grandes mestres (Said Ali, Bechara, Rocha Lima, Cunha & Cintra, Napoleão Mendes), mas contribuindo com suas explicações e exemplos. Nesse ponto, vemos muitos exemplos retirados de documentos oficiais considerados estritamente português padrão: Constituição, Código Civil.

5. Sintaxe

Diferentemente dos dois outros elementos da tríade, à Sintaxe coube um número menor de páginas, o que mostra que a **GLLP** possui predileção pela palavra. Todavia, nas 245 páginas do capítulo, teremos um estudo acurado a respeito dos aspectos da Sintaxe, a começar pela distinção que a autora faz questão de mostrar e teorizar sobre *Frase – Oração* (pp. 1047 – 1053). Não aborda a questão do *Período*, pois tal definição é estudada no tópico correspondente aos períodos simples e composto. E é no estudo da oração (p. 1067) que encontraremos metalinguagem há muito usada pelas gramáticas (até mesmo em gramáticas que discursam a favor de uma metalinguagem nova): Sujeito e seus tipos; Predicação e seus tipos; Adjuntos; Complementos; Aposto; Vocativo; Agente da passiva.

Um fato curioso nesse ponto da obra e nesse assunto em questão é a quantidade grande de exemplos bem encaixados para cada tópico gramatical explorado. Quanto ao estudo do período (simples e composto), encontraremos as tradicionais divisões: período composto por coordenação e/ou por subordi-

nação e suas categorias. Há um aprofundamento no estudo da Subordinação em comparação ao da Coordenação, o que é esperado, já que há um número maior de categorias: Subordinação Substantiva; Subordinação Adjetiva; Subordinação Adverbial. Um outro ponto curioso e controverso diz respeito às orações subordinadas substantivas. Isso pelo fato de, nesse ponto, a autora não seguir as recomendações da NGB acerca das categorias subordinadas substantivas e apresentar novas categorias. Vejamos:

GLLP	NGB
Subordinada substantiva subjetiva	Subordinada substantiva subjetiva
Subordinada substantiva predicativa do sujeito	Subordinada substantiva predicativa
Subordinada substantiva predicativa do objeto	xx
Subordinada substantiva objetiva direta	Subordinada substantiva objetiva direta
Subordinada substantiva objetiva indireta	Subordinada substantiva objetiva indireta
Subordinada substantiva completiva nominal	Subordinada substantiva completiva nominal
Subordinada substantiva adjetiva adnominal	xx
Subordinada substantiva apositiva	Subordinada substantiva apositiva
Subordinada substantiva agentiva	xx

Poderíamos, a partir do quadro anterior, dizer que simplificação ficou com a tão criticada NGB, afinal, a autora da **GLLP** indica a existência de categorias subordinativas substantivas não presentes no documento oficial e não comum em outras gramáticas, como indicado anteriormente. Em relação à categoria das subordinadas adjetivas, temos as explicações já conhecidas sobre estruturas restritivas e explicativas. Fato interessante é a atenção que a autora dá para o que ela denomina de *subordinadas adjetivas falsas*, ou seja, os pronomes relativos (conectivos comuns para as adjetivas) desempenharem função em outra oração. Exemplos:

- Suas palavras, **[que eu sei]** [que são sábias], não me magoaram.
- Referem-se sempre àquela reforma **[que não sabem ao certo]** [que conseqüências trará].
- Há coisas **[que não nos cumpre]** [saber].

Entretanto, seguindo a ideia da falsidade para as adjetivas, cairíamos em outro problema: o fato de as orações adjetivas poderem, então, exprimir uma série de circunstâncias típicas das estruturas adverbiais: Finalidade, Consequência, Causa etc.

Já para última categoria subordinativa, a Adverbial, não houve explicações que avançassem o assunto. Teremos as nove categorias (causal, condicional, concessiva, consecutiva, conformativa, comparativa, final, proporcional e temporal) e as definições seguidas de exemplificações. Quanto à apresentação das orações reduzidas, é bem colocada a análise feita pela autora no que tange à possibilidade de redução para as orações coordenadas. Uma observação negativa é não encontrarmos exemplos de orações reduzidas das seguintes categorias: predicativa do objeto; adjuntiva adnominal; agentiva.

Caminhando para o fim, teremos os dois últimos capítulos: a Sintaxe de Regência (pp. 1221 até 1250) e a Sintaxe de Concordância (pp. 1251 até 1292). Na parte correspondente à Sintaxe de Regência, encontraremos listagem de alguns verbos, o que é muito comum nas gramáticas quando o assunto é *Regência*. Entretanto, na **GLLP**, observações criadas pela autora para cada verbo de sua listagem são muito esclarecedoras e não se limitam apenas à transitividade do(s) verbo(s), caso, por exemplo, da excelente observação a respeito da regência dos verbos Esquecer/Esquecer-se (p. 1235/1236).

Na parte correspondente à Sintaxe de Concordância, encontraremos, tanto para os aspectos da concordância nominal quanto para os aspectos da concordância verbal, um mondado trabalho acerca de tão “espinhudo” assunto. Os casos especiais elencados são muito bem explicados e comentados, e facilitam nossa compreensão sobre muitas de nossas dúvidas. Destaque para o caso concordancial da palavra *possível* e sua função como adjetivo ou advérbio. A autora retoma estudos clássicos de eminentes mestres¹⁵ e nos revela que “Desa forma, lições divergentes, ditadas por estudiosos tão ilustres, dificultam a normatização desse caso de concordância nominal. Tal divergência se explica provavelmente pelo embasamento que têm nossas gramáticas na teoria gramatical do francês” (p. 1262).

De qualquer modo e *ad finem*, a GLLP, da eminente professora Amini Boainain Haury, passa a ser obra importantíssima e de referência para todos aqueles que buscam dirimir dúvidas gramaticais pontuais ou aprofundar seus

¹⁵ A saber: Bechara, Carlos Góis, Napoleão Mendes

estudos em língua portuguesa padrão. Figurará, indubitavelmente, entre outras grandes obras gramaticais ea autora passará a fazer parte do cabedal de grandes autores gramaticais do país. Reiterando: obra importante para a nossa história gramatical.

Alexandre José Silva
alegramatica@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo